

# editô

Outubro

Qual é o futuro do mercado editorial?



## DESTAQUES

### 4 Editoras e livrarias durante a pandemia

Os apuros vividos por empresas do mercado editorial durante a quarentena

### 4 Ser independente no mercado editorial

É possível encontrar um lado positivo em uma atividade em que as pessoas só destacam as dificuldades

### 5 Espaço do leitor

Aqui o leitor pode falar bem ou mal de nossa revista

### 7 Entrevista com Nathan Magalhães

Papo reto e gostoso com o fundador da Editora Moinhos

### 8 Livros e reforma tributária

O que esperar da reforma proposta pelo “Guedim”

### 10 Editoras cartoneras

Um mundo diverso e encantador no meio editorial

### 12 Espaço acadêmico

Vamos conversar sobre as *fake news*



**Histórias**  
podem mudar a história  
de muitas crianças.

O Itaú convida você a participar do desenvolvimento das crianças do Brasil, através de um gesto simples: a leitura. É por isso que o Itaú vai distribuir **8 milhões de livros**, porque acredita que incentivar o gosto pela leitura é uma forma de mudar a história de muitas crianças.

 Saiba mais





## EDITORIAL

### O Conservador, o Progressista e a experiência

O Conservador se surpreende que seus excelentes argumentos tenham tão pouco efeito sobre o membro Progressista. Ao contrário, o Progressista está consternado com a incapacidade do Conservador de colocar em prática seu discurso brilhantemente demonstrativo. No entanto, ambos estão, hipoteticamente, sinceramente interessados em fazer avançar o debate. Uma explicação possível é que a fonte de suas discordâncias está a montante da troca de argumentos, em sua própria concepção da realidade e do conhecimento que dela se pode extrair.

Para o conservador, a natureza das coisas não muda, a psicologia humana é invariável, a razão e a moralidade ignoram a passagem do tempo. O conservador se sente contemporâneo com os heróis e filósofos de todos os tempos. Ele entra nas paixões dos primeiros e nas reflexões dos segundos. Cada experiência lhe traz um pequeno e duradouro elemento de verdade. Mesmo fugaz, enriquece sua inteligência, acrescenta às suas experiências anteriores e enquadra suas ações. Para os Progressistas, o mundo vai melhorando com o passar do tempo, cada passo da história humana tem a marca do progresso em andamento. As estruturas mentais e morais do ser huma-

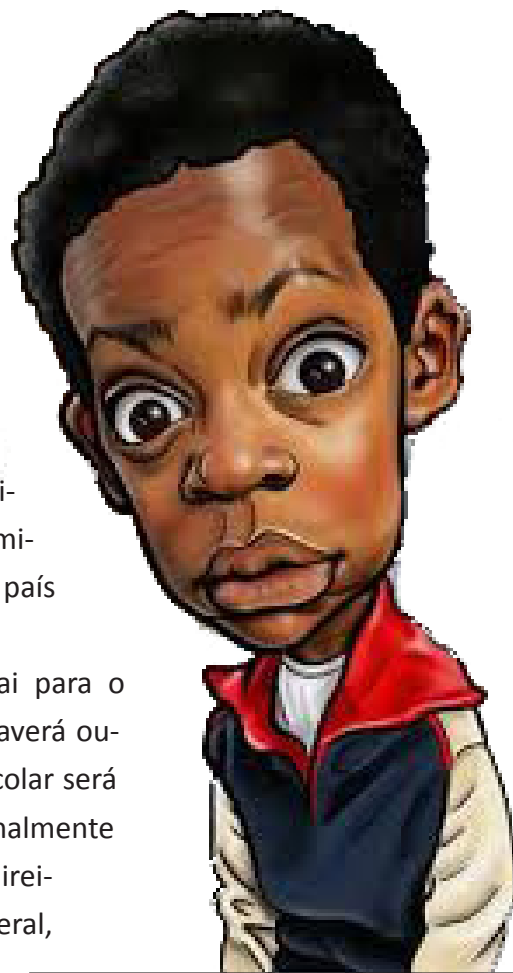
no também estão melhorando constantemente, de modo que os pensadores e moralistas do passado, muito distantes de nossas preocupações, têm pouco a nos ensinar.

Mesmo os dogmas, supostamente eternos, têm validade apenas para o tempo e o lugar em que apareceram. Toda a experiência está trancada no passado. As relações de causa e efeito que ela traz à luz podem ter sido relevantes no momento dos eventos. Eles não são mais relevantes. E o Conservador está enganado ao tentar aplicar as chamadas lições do passado ao mundo de hoje. Quanto ao ensino da história, ele não nos proporciona nenhuma lição de vida, nenhum modelo a ser imitado, nenhum exemplo a ser seguido ou evitado. É apenas uma caminhada colorida e divertida em um país perdido para sempre.

O Progressista sempre vai para o melhor. Sua visão é que nunca haverá outra guerra; a próxima reforma escolar será definitivamente a correta, que finalmente dará a cada aluno seu lugar de direito; qualquer centralização federal, qualquer fusão municipal, qualquer acordo com a América Latina certamente levarão a uma política mais justa, mais efetiva e mais transparente. As experiências passadas malsucedidas? Isso era antes, isso é pré-história, não

conta! Espere até amanhã, vamos festejar até a exaustão.

Os Conservadores estão assumindo toda a culpa pelo passado. Dessa forma, assegura e orienta seu trabalho. Também pode atrasá-lo, a ponto de recusar uma mudança que a experiência o aconselharia a aceitar. O Progressista não tem bagagem. Ele viaja leve, julga e decide dia após dia.



#### Expediente

**Redação:** Gláuber Fraga, Hélio Viana, Kênia Chagas, Mariana Alcantara, Mariane de Sousa e Suzi Andrade.

**Revisão:** Hélio Viana e Suzi Andrade.

**Diagramação:** Gláuber Fraga

**Tiragem:** 5.000 exemplares

## DEIXA QUE EU FALO

### A sobrevivência de pequenas livrarias na pandemia

Mariana Alcantara

O ano de 2020 está sendo marcado pela pandemia do Coronavírus, que exigiu distanciamento social, fazendo com que todo o comércio fosse fechado por tempo indeterminado. Com isso, diversas livrarias tiveram seus serviços encerrados, prejudicando assim o mercado livreiro.

Os donos de livrarias ficaram sem saber como agir diante de tal cenário, e começaram a analisar a situação para saber qual o melhor caminho a seguir. As portas do ambiente digital se abriram, e novas formas de vender foram possíveis. Muitas livrarias aderiram às ferramentas digitais para fortalecer sua marca diante dessas novas circunstâncias.



Algumas livrarias, como a Scriptum que também é uma editora, colocaram suas publicações em promoção e alguns itens do acervo disponíveis na livraria. O uso dos meios digitais também tem sido aliado importante nesse processo. A Livraria Quixote, buscou meios alternativos para driblar a crise, trazendo ao seus clientes a iniciativa “Quixote em Casa”, com a venda via whats.

Hoje, em setembro de 2020, o comércio volta reabrir, as livrarias voltaram a ativa, com algumas restrições, como o uso de máscaras e evitando aglomerações. Mas o contato com o digital ainda é um aliado importante pela comodidade de resolver rapidamente usando o atendimento online, já que muitas pessoas ainda evitam sair de casa.

## As vantagens de ser independente

Mariane de Sousa

Muito se fala das dificuldades de se manter uma produção independente no mercado editorial brasileiro: dificuldades com o orçamento, acúmulo de funções sobre os profissionais (muito comum em pequenas editoras), concorrência desleal entre editoras, dentre outras coisas. Mas há também vantagens em ser uma editora independente, como maior liberdade para pensar seu catálogo, não depender de capital de terceiros, poder pu-



blicar os títulos que quiser, dentre outras.

O atual cenário do país composto pelas consequências da pandemia causada pelo Novo Coronavírus (COVID-19) – isolamento social, portas de institui-

ções fechadas – , a crise política com o atual governo, economia fragilizada; tudo isso se soma às dificuldades de se manter uma editora independente, o que acaba ‘machucando’ muito o mercado editorial. Em meio a esse caos é essencial que essas editoras busquem estratégias que possam ajudá-las a manter as portas abertas. Algumas estratégias adotadas resultam das vantagens de ser independente. Vendas pelo site da editora e frete mais aces-



sível ou gratuito, quando possível (em contrapartida às editoras tradicionais que vendem por livrarias), divulgação pelos meios digitais, participação em feiras de livros, compõem as medidas adotadas pelas pequenas editoras para se manterem no mercado. Acredito que fidelizar o público é o melhor caminho para se manter no mercado porque é ele que mantém o ciclo da produção. Se esta “empaca” na etapa de ven-

das, significa que o esforço empregado não deu retorno e houve prejuízos tendo em vista o tempo, capital e mão de obra investidos. Não é uma tarefa fácil agradar o consumidor. Isso exige um grande esforço, mas é o que melhor tem funcionado. A produção de tiragens menores com mais foco na qualidade dos produtos; divulgação com influenciadores digitais, aproveitando o boom da internet e do consumo de conteúdos digi-

tais; participações em bienais e na Flip, que expandem o trabalho da editora chegando a atingir nos públicos; são algumas das medidas que podem ajudar a driblar as crises que se acercam do universo livreiro. É de suma importância manter-se firme, mesmo com todos os empecilhos, para que essa fatia do mercado e parcela da cultura, continuem existindo e exercendo sua importância para as pessoas e o Estado.

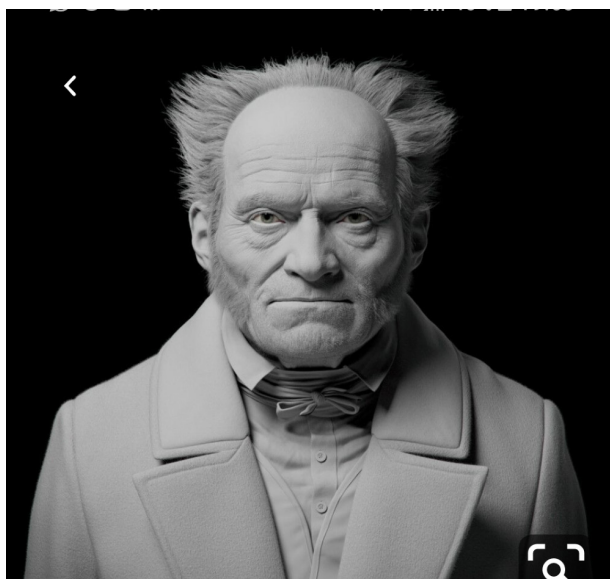
## ESPAÇO DO LEITOR

### Não vai dar certo!

Sou fã de Schopenhauer, e dizem que sou pessimista. Hoje em dia, com todos os milhares de livros de auto-ajuda falando sobre o pensamento positivo e outras baboseiras, a editô, como sempre, inova e fala sobre o outro lado. Parabéns! P.s. Tenho quase certeza de que nem vão ler minha mensagem.

Bart Simpsons - São Paulo, SP.

**Pensar negativo deu certo, Bart  
Olhe sua mensagem aqui!**



Arthur Schopenhauer foi um filósofo alemão do século XIX. Ele é conhecido pela sua obra principal “O mundo como vontade e representação”.

### Cigarrinho do bom

Essa ideia de produzir tabaco menos prejudicial à saúde (“O Novo Cigarro”, junho) pode levar muitas pessoas ao cigarro, ignorando a principal ameaça, o vício. Co-

meça sempre devagar, com um ou dois cigarros por dia, até chegar ao ponto em que a pessoa já está dependente. O cigarro deveria ser proibido. Claro que não da

noite para o dia, mas aos poucos, até não existir mais esse lixo na nossa sociedade.

Biro Biro - Campos, RJ.





# FEIRA UNIVERSITÁRIA DO LIVRO DO CEFET-MG

## O ENCONTRO DOS LIVROS

Até 50% de desconto.

Entre 02 e 06 de novembro de 2021 de 09 as 19 horas  
CAMPUS I - BH - Av. Amazonas 3-253, Nova Suíça, BH, MG

MAIORES INFORMAÇÕES EM [WWW.LETRAS.BH.CEFETMG.BR](http://WWW.LETRAS.BH.CEFETMG.BR)



## ENTREVISTA

### Liberdade é a palavra no mercado independente

Olá, tudo bem? O nosso saudoso Paulo Henrique Vasconcelos apresentou o programa Diário Profissional na última semana e contou um pouco da história do Nathan Magalhães, fundador da Editora Moinhos. O Nathan comentou um pouco sobre o mercado editorial. Confira abaixo parte dessa entrevista.

**Editô** - A Moinhos é uma editora independente. Quais as dificuldades de ser independente?

**Nathan** - Sim. A gente é independente porque existem algumas questões que nos classificam como independentes. Entretanto, somos independentes, pois nós decidimos o nosso próprio caminho sem a interferência de fatores externos e de grupos editoriais para caminhar. A seleção da curadoria é feita por nós. Somos independentes também em relação ao nosso posicionamento perante o mundo. A Moinhos já se posicionou politicamente o que nem sempre é possível acontecer com grandes editoras. As dificuldades estão vinculadas a questões financeiras. Aqui somos profissionais convergentes. Aqui, nós somos o entregador, o contador, o financeiro, o editor, o diagramador e até mesmo o capista. Em uma editora independente a demanda é grande e precisamos dar conta.

**Editô** - E os pontos positivos de

ser independente, Nathan?

**Nathan** - O principal é a autonomia. Eu tenho a possibilidade de pensar o nosso catálogo e não depender de ninguém, a não ser de nossos leitores. O ponto mais positivo é a não dependência de nenhum fator externo. Nós podemos escolher o livro que queremos publicar porque gostamos daquele autor. Isso não acontece assim em editoras grandes. Eu comecei com livros de poesia e meus amigos me questionavam sobre o risco dessa minha escolha dar errado. Se eu fosse um selo da Companhia das Letras, fatalmente, eu não conseguiria ter essa liberdade.

**Editô** - Quais as maiores surpresas em seu percurso editorial?

**Nathan** - Eu nunca parei para pensar sobre isso. As maiores surpresas estão ligadas a relações pessoais. Encontrei nesse caminho pessoas que se tornaram amigos de verdade. Hoje o mundo está bem difícil, principalmente depois que o atual governo assumiu o poder. Então, é normal ficarmos desacreditados de tudo. Assim, é bom notar que existem pessoas que te compreendem e que caminham junto com você.

**Editô** - Fale para a gente a respeito do processo de produção.

**Nathan** - A Moinhos teve quatro chamadas de originais. No primeiro ano, nós recebemos quase



Nathan Magalhães

trezentos originais. Desse total, selecionamos dez, os quais foram publicados em parceria com os autores. Tudo foi feito meio a meio e com muita transparência. Para mim, esse foi o ponto de partida. Depois, chegamos ao ponto de publicar sem a participação monetária dos autores. Sobre o recebimento de originais, nós lemos as quinze primeiras páginas. Os que não foram aceitos nós respondíamos por meio de uma resposta padrão destacando que a nossa negativa não desmerecia o valor do trabalho do autor. A respeito dos originais selecionados, nós entramos em contato com os autores, falamos sobre os trâmites e assinamos o contrato. Depois, fazemos um cronograma de produção, passando por revisão, produção da capa e retornamos o texto para o autor. Em sequência, a gente faz a diagramação, mais uma revisão e enviamos o material mais uma vez para o autor. Depois é ir para a gráfica e fazer a divulgação.

## É NOTÍCIA

### Mercado editorial sob risco com reforma tributária

Suzi Andrade

Um novo texto proposto pelo ministro da economia, Paulo Guedes, prevê a unificação das cobranças do PIS, Pasep e Cofins sob a venda e importação de livros. Além de encarecer o processo editorial, ameaçando até mesmo o encerramento de algumas das atividades, o consumo de livros pode diminuir drasticamente.

Aprovada em 2004, a Lei 10.865 que isentava o setor editorial da cobrança, agora sofre

uma mudança brusca. O texto enviado para análise do congresso, aponta uma base/alíquota comercial de 12%. Ainda que algumas editoras, livrarias e distribuidoras estejam tentando entender qual seria o impacto real, caso entre em vigor, o alerta deve ser permanente pois, com a pandemia do coronavírus vimos vários setores declinarem, sendo os setores culturais os primeiros a serem afetados.

Existem alguns desencon-

tros numéricos que podem confundir o setor. Na mesma pandemia vimos episódios animadores como o salto do livro “Pequeno manual antirracista” da autora Djamilia Ribeiro figurar no top 5 de mais vendidos ao lado de autoras como Clarissa Pinkola Estes e Michelle Obama, mas, vimos também, situações desanimadoras como a curva descendente que acompanha o mercado editorial desde 2006.

Uma das justificativas



## CURSO DE ESCRITA CRIATIVA

AULAS REMOTAS  
01/10/2020 A 01/12/2020

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES  
[www.tupiliteraria.com.br](http://www.tupiliteraria.com.br)  
[tupiacademiailiterariacontato.com.br](mailto:tupiacademiailiterariacontato.com.br)



ACADEMIA  
TUPI LIVROS





vrarias já iniciaram um movimento de repúdio ao texto nas redes sociais, movimento este que vem ganhando apoiadores.

Ao visitar alguns sites de editoras e livrarias nos deparamos com um manifesto criado pelas entidades que representam o livro no Brasil. O texto dividido em cinco incisos apresenta argumentos em defesa do livro e contrários a taxa da nova medida, além de motivar pessoas do meio livreiro ou não a subir várias hashtags como #defendaolivro ou #emdefesadolivro em suas redes e perfis sociais.

A questão que fica diz respeito ao acesso e ao conhecimento, que é um direito de todos, versus a sobrevivência em meio à crise. Tornando um objeto, que já era inviabilizado, mais caro e distante das pessoas, a exclusão aumenta e pode afastar a população de um problema real, que afeta diretamente e diariamente o valor dado a preocupação com uma das instituições basilares no Brasil, a educação.

enunciadas por Paulo Guedes, foi a de que o livro seria um objeto de consumo voltado para a elite, se apoiando ainda em uma proposta de beneficiar as pessoas mais carentes, que não teriam condições de bancar um livro, com doações gratuitas. Entretanto o ministro não entrou em detalhes sobre o teor ou a temática dessas doações ou até mesmo se a ideia irá evoluir.

Mas o que podemos afirmar até o momento é que o livro sempre foi um “privilegio”, mesmo não devendo ser, já que no Brasil, o objeto frequentemente entra em listas de desejos a longo prazo e ali permanecem. Sabemos ainda que o ato envelopado na cartela da reforma tributária espelha a distância crescente no abismo da desigualdade, e cientes disso, algumas editoras e li-

# NOITE DE AUTÓGRAFOS

## DO LIVRO "OS CAMINHOS DA REVISÃO", DE HÉLIO MOÏSE E SUZI ANDRADE

21 DE JANEIRO DE 2021 ÀS 21H  
LIVRARIA DO OUVIDOR SAVASSI

## É NOTÍCIA

### Editoras cartoneras. Tem esse “trem” em Minas Gerais?

#### *A trajetória da Editora Cata poesia*

Kênia Chagas



Papelão, tintas, folhas soltas, tesouras, linhas e agulhas de costuras, grampeadores de papel. A que você associaria esse tipo de material? Aula de artes? Ateliê de costura? Reciclagem?

Todas essas correspondências podem estar corretas, mas, há um movimento que os utiliza e que extrapola essas definições. Trata-se do Movimento Cartonero, que busca publicar livros de baixo custo envolvendo em seu processo de produção alguns setores marginalizados do mercado editorial. Embasada no estilo “faça você mesmo”, o movimento incentiva grupos e pessoas a produzirem, editarem e distribuírem seus próprios livros de forma solidária e autoral. Os projetos gráficos são ditados pelo material disponível, bem como

Papelão, tintas, folhas soltas, tesouras, linhas e agulhas de costuras, grampeadores de papel. A que você associaria esse tipo de material? Aula de artes? Ateliê de costura? Reciclagem?

Todas essas correspondências podem estar corretas, mas, há um movimento que os utiliza e que extrapola essas definições. Trata-se do Movimento Cartonero, que busca publicar livros de baixo custo envolvendo em seu processo de produção alguns setores marginalizados do mercado editorial. Embasada no estilo “faça você mesmo”, o movimento incentiva grupos e pessoas a produzirem, editarem e distribuírem seus próprios livros de forma solidária e autoral. Os projetos gráficos são ditados pelo material disponível, bem como

artigos específicos pensados colaborativamente.

Na Argentina de 2002, jovens editores queriam publicar seus livros e visualizaram a possibilidade de criá-los com papelão recolhido das ruas, sendo que a primeira editora neste nicho a existir foi a Eloisa Cartonera. O que inicialmente seria uma possibilidade de renda alternativa, devido à forte crise econômica pela qual o país passava, se tornou um fenômeno no país e se expandiu por todo o mundo. No Brasil, a precursora do movimento cartonero foi a editora Dulcinéia Catadora que iniciou seus trabalhos em 2007 durante a 27ª Bienal de São Paulo, em parceria executada com a Eloisa Cartonera. Atualmente existem 18 editoras cartoneras ativas no



país, levantamento realizado em 2016 pela pesquisadora Mariana Costa Mendes (FFLCH/USP) que está disponível para consulta no site Bibliotecas do Brasil (<http://www.bibliotecasdobrasil.com>).

Dentro desse extenso universo conseguimos identificar algumas categorias de livros, dentre as quais se destacam os projetos cartoneros individuais, os coletivos cartoneros, as cooperativas cartoneras e as cartoneras universitárias. Embora possuam certas especificidades, esse modo de produção prima pela visão de que livros cartoneros são “mucho más que libros” (slogan da Eloisa Cartonera).

Em Minas Gerais se destaca o trabalho da Cata Poesia, uma editora cartonera cuja base de trabalho se divide entre Serra Negra (São Paulo) e Belo Horizonte. O projeto foi iniciado no 2º semestre de 2009, como uma ação do Programa “Leitura Viva” e é realizado pela equipe de gestão cultural da ONG Trilhas da Serra – Educação, Cultura e Cidadania. Em sua bio do Twitter a editora se apresenta como “Uma editora cartonera. Reúne coletivos de jovens, escritores e artistas para editar livros com capa de papelão a partir da coleta de memórias orais.”

Para que a produção do livro ocorra a primeira fase do processo é a escolha do território a ser trabalhado e o recolhimento das histórias locais e orais. Na se-

quência são feitas as oficinas de confecção dos livros com a participação ativa da comunidade a fim de inventariar e conservar o material coletado para posteriormente disponibilizá-lo como fonte de pesquisa e proteção à memória coletiva. A editora já editou cerca de 67 livros que “passeiam” por temáticas variadas tais como: memória, meio ambiente, fotografias, cultura popular, comunidades tradicionais, poemas, mitos, lendas e narrativas.

A partir de 2010 foram criados três coletivos, compostos por 20 jovens com faixa etária entre 16 e 20 anos. São eles: “De-Fusão”, em Serra Negra, São Paulo (2010); “Loucos por Memória”, em Cordisburgo, Minas Gerais (2011); e “Raíces de Xakri”, em São João das Missões, Minas Gerais, Território Indígena Xakriabá (2011), que tem por premissa dar o protagonismo aos jovens locais por meio de um processo de colaboração e de troca supervisionado pela editora.

Já o projeto “Troca Flores e Poesia” é uma ação de visita a espaços públicos que oferece flores de plástico e/ou de papelão e livros em troca de histórias e memórias de jovens e adultos frequentadores do local escolhido. Já foram realizadas duas intervenções urbanas em Belo Horizonte, uma na Praça Duque de Caxias, em Santa Tereza e a outra no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, no Horto. O

objetivo é a posterior edição de livros com o material coletado e com os dados do primeiro evento, neste ritmo, foi editado o livro ‘Flor’, que já foi distribuído durante o segundo evento.

A Cata Poesia conta também com o projeto A TRUPE – Trilhas Urbanas Poéticas – que foi iniciado em 2019 e já conta com sete roteiros. O objetivo é ser uma nova forma de criação colaborativa de livros cartoneros, já que permite aos participantes produzirem textos contando suas impressões tanto sobre os lugares conhecidos quanto desconhecidos ao propor a caminhada por áreas de classe média e também periféricas. O primeiro livro, intitulado ‘Ruas’, foi lançado em dezembro de 2019 durante a Feira Urucum, no Espaço Guaja, em Belo Horizonte.

Inclusive a participação em feiras de livros independentes é uma ferramenta encontrada pela editora para promover sua manutenção em tempos de crise, já que quando ocorre a reedição de alguns livros, sem que haja a parte de produção nas comunidades, há um ônus financeiro para o projeto. A média de preços dos livros varia entre R\$ 5 e R\$ 15. Outra fonte de renda são os cursos pagos de encadernação artesanal oferecidos em eventos literários. Durante a pandemia de COVID-19, as atividades presenciais da Cata Poesia estão paralisadas.

## ESPAÇO ACADÊMICO

### Fake News e credulidade: a confiança e a alienação

Hélio Moise

A proliferação de informações falsas, ou fake news, que podemos definir como as informações fabricadas que imitam as mídias na forma, mas não no conteúdo e na intenção desejada, recentemente despertou o interesse nos processos governamentais na manipulação da opinião pública. Em um estudo realizado após as eleições presidenciais americanas de 2016, apresentava-se as informações claramente falsas que haviam circulado durante a campanha em larga escala e não representativa da vontade do povo americano. Em média, mais de 60% dos entrevistados responderam que foram expostos a essas mesmas notícias e afirmam terem acreditado no momento. A ideia de que as fake news teriam influenciado os resultados das eleições recentes, certamente chamou a atenção para o fenômeno. O receio é ainda mais significativo uma vez que, as fake news parecem se proliferar nas redes sociais mais rapidamente que as informações verdadeiras. Dessa forma, percebe-se desde já, o desejo dos articuladores políticos no uso desse artifício poderoso que são as fake news.

Antes de nos interessarmos nos vastos campos dos programas de educação para o uso das mídias, é necessário esclare-



cimento no que diz respeito às pesquisas científicas que tratam a influência das notícias falsas e das técnicas já desenvolvidas para lutar contra suas influências. Nesse sentido, essa problemática pode ser analisada em dois aspectos:

- A vigilância individual: trata-se de examinar as informações apresentadas ao indivíduo e como ele determina o falso do verdadeiro;

- A confiança para com as fontes em particular no que diz respeito às mídias: o fato de haver confiança ou não em determinadas fontes é um dos elementos essenciais à vigilância individual. Essa confiança não é unicamente determinada pelos fatores individuais, mas por fatores institucionais e pelas dinâmicas coletivas. Por exemplo, a tendência crescente de nativos africanos ao considerar a AIDS como uma epidemia criada deliberadamen-

te para exterminar o povo negro, parece menos absurda quando temos conhecimento de determinadas práticas médicas desenvolvidas especificamente para os negros. Desta forma, trata-se de uma confiança global na capacidade das instituições de gerenciar a liberdade de expressão de cada um, sobretudo, a disseminar pontos de referência para avaliar o valor de um fato. Por exemplo, a vacina, pode ser aceita em larga escala dentro da comunidade científica, todavia o fato não garante que os indivíduos aceitarão esse argumento para demonstrar a veracidade de um fato.

Para tanto, o presente artigo pretende apresentar possíveis mecanismos no combate ao efeito da credulidade, ou seja, com que instrumentos o indivíduo pode perceber os elementos verdadeiros dos falsos. Para isso, serão usadas teorias da análise





comportamental individual e da sociologia de espaços virtuais.

### 1. A vigilância individual

Segundo Marsh (2004), as pesquisas experimentais em psicologia social sobre a influência e a credulidade, colocam em evidência uma série de processos que mostrariam a credulidade dos indivíduos diante de informações falsas particularmente preocupante.

De maneira geral, quando os indivíduos são colocados diante de uma mensagem a caráter persuasivo, os mesmos tendem a tratar a mensagem de forma relativamente superficial. Se eles não são alertados quanto ao caráter duvidoso, ou se não encorajados a examinar em profundidade, os mesmos são suscetíveis de serem influenciados. Por exemplo, quando o indivíduo recebe uma mensagem que além do texto informativo veicula um vídeo ou imagem, o que corrobora para

legitimar o fato noticioso falso ou não.

Quando os indivíduos são confrontados a informações falsas fora do contexto persuasivo, mas que essas informações são apresentadas como evidências, os mesmos tendem a considerar as informações como verdadeiras. Por exemplo, quando testemunhas de um acidente de carro que envolve um automóvel vermelho e o outro verde algumas semanas depois ao procurar as testemunhas e perguntar “qual era a cor dos automóveis?”, constata-se que as testemunhas se lembram do carro verde como sendo azul. Ou seja, com perguntas desse gênero, pode-se produzir lembranças, muitas das vezes relativamente complexas, mas totalmente falsas. Por exemplo, Marsh (2004) em pesquisa laboratorial, conseguiu-se despertar nos indivíduos lembranças da infância que eram totalmente fictícias.

cias.

Por outro lado, se convidarmos indivíduos para ler excertos fictícios nos quais os personagens tratam de informações falsas, os leitores tendem a acreditar veementemente mesmo conscientes anteriormente ao ato da leitura que eram informações falsas. Até mesmo nas experiências em que as informações são categoricamente falsas, as mesmas influenciam as construções anteriores e alteram o julgamento dos indivíduos entrevistados.

Em alguns casos, quando os indivíduos são expostos a informações falsas que anteriormente foram refutadas prevalecerá a primeira informação apresentada. Por exemplo, no caso da existência de armas de destruição em massa no Iraque, constata-se que, mesmo nesse caso, que os indivíduos continuavam a serem influenciados por essa informação falsa. Para tanto,

Unkelbach e Rom (2017) cunhou o termo “influência permanente” para identificar o fenômeno, por exemplo, acreditamos que Saddam Hussein é o provocador de muitos conflitos bélicos contra o ocidente ou Israel, para tanto, deduzimos que ele é muito bem capaz de esconder armas, mesmo que nunca encontradas.

Dentre os diferentes mecanismos responsáveis pela influência de informações falsas, umas das mais importantes é a ilusão de verdade. De acordo com Johnson e Seifert (1998), quanto mais uma informação falsa é repetida, mais acreditamos, isso pode se explicar pelo fato de que quando da primeira exposição a uma informação falsa a mesma é associada a outras informações.

De maneira geral, o julgamento do conteúdo das informações corresponde à uma perspectiva cognitiva, ou seja, a capacidade de cada indivíduo de determinar a qualidade das informações para construção de uma verdade interpretativa, que será utilizada para a tomada de decisões e a construção de opiniões. Dessa forma, Fiedler (2012) já apontava a necessidade de uma educação escolar que seja capaz de assimilar a densidade cada vez maior do número de veículos midiáticos, para que seja possível construir opiniões saudáveis.

Para tanto, constata-se, com os apontamentos exemplificados anteriormente e seus des-

dobramentos na sociedade, que não somos vigilantes. Aceitamos as informações que nos são dadas sem duvidar do seu conteúdo. A história aponta inúmeros exemplos, ou seja, como ao longo do tempo construímos verdades a partir de discursos pouco prováveis, o fato mais marcante sem dúvida, foi o bombardeamento do Japão na primeira metade do século XX com o único propósito de garantir a paz que estaria ameaçada pelas forças armadas nipônicas como discursou o presidente estadunidense na época. Isso permite, entre outras coisas, de funcionar de forma coesa na maioria das situações dos nossos cotidianos, mas, obviamente, em alguns casos, essa falta de vigilância pode implicar em consequências negativas. Além do mais, acreditamos exageradamente nas nossas capacidades de separar o falso do verdadeiro. Ou seja, ser enganado por uma notícia falsa, acontece apenas com os outros. Esse fenômeno de autoconfiança exagerada é chamado de efeito do terceiro olho e foi criado pelo pesquisador e professor David Rapp em 2016.

#### Papel das crenças anteriores

A dificuldade em resistir às informações duvidosas é particularmente acentuada quando os indivíduos que foram expostos, possuem crenças e atitudes bem estabelecidas sobre o assunto. Desta forma, os mesmos consideram, com ainda mais veemên-

cia, o conteúdo como verdadeiro. Por exemplo, muitos internautas recentemente haviam compartilhado uma informação de que o centro de vigilância sanitária americano (Center for Disease Control) baniu de seus relatórios algumas palavras como “feto” e “transsexual” sob influência de Trump e dos partidos conservadores americanos. Todavia, constatou-se a informação como totalmente falsa, assim, duas perspectivas cognitivas importantes são acionadas.

Em primeiro lugar é importante sinalizar a perspectiva da confirmação. Para tanto, como apontou Rapp (2016), as informações as quais somos expostos com frequência, selecionamos unicamente aquilo que está inscrito na nossa realidade, ou seja, nas nossas predisposições e ideologias. Por exemplo, se encontramos uma carta de identidade de um sírio em um local de um atentado terrorista podemos perceber o objeto como uma prova do atentado ou apontar a corrupção da polícia na tentativa de incriminar a comunidade síria – um criminoso nunca deixaria seus documentos na cena do crime. Essa perspectiva de confirmação é importante uma vez que somos expostos com maior facilidade às informações condizentes com nossas expectativas do que o contrário. Por exemplo, nas redes sociais, nossos amigos tendem a compartilhar ideias e fatos con-



dizentes com os nossos desejos, sem falar nos algoritmos que filtram nossa página para propor conteúdos que nos agradam.

Em segundo lugar, nossas atitudes definem e organizam com frequência nossa visão de mundo, colocar em perigo essas atitudes pode ser vivido como um atentado à nossa integridade. Para preservar as mesmas, rejeitamos as informações fornecidas quando elas destoam muito das nossas crenças.

## 2. Confiança

A ausência de vigilância é principalmente uma função da confiança que colocamos para com as pessoas ou instituições que comunicam as informações. Se questionarmos as intenções e ou motivações das fontes que nos transmitem as informações falsas, seu poder de alcance é reduzido. Todavia, a eficácia não é total – se fosse o caso, a publicidade não teria efeito. Inversamente, a desconfiança constante pode igualmente ser problemática, a ideia que todas as mídias oficiais nos mentem mostra uma ausência total de confiança.

Acredita-se que a vigilância pode contar com um exame crítico das informações que são veiculadas com base na racionalidade do leitor, do telespectador ou do ouvinte, ou seja, a triagem do que é adequado e não graças a capacidade de análise. Dessa forma, informações claramente fantasiosas podem ser filtradas

com rapidez e eficácia.

Para compreendermos esse raciocínio usemos o silogismo. Ou seja, se todos os homens são mortais, Sócrates é um homem, portanto, Sócrates é mortal. Esse raciocínio funciona unicamente se há confiança na fonte que comunica as informações falsas. Em outras palavras, não conseguir selecionar as informações relevantes não quer dizer que o problema está na sua confiança, mas no caminho percorrido pelo seu raciocínio na lógica.

O problema da credulidade como apontou Klein (2013) está na confiança. Quando não acreditamos mais em nenhuma mídia oficial, isso reflete uma forma de alienação para com as instituições. O problema está no funcionamento da democracia que está construída na mente de cada indivíduo, por exemplo, em um regime autoritário, como a Rússia, não seria incorreto a dúvida do conteúdo dos meios oficiais, ou seja, o exemplo ilustra que a noção de credulidade está relacionada diretamente com a política. Dessa forma, acreditamos apenas em quem confiamos e duvidamos daqueles que desconfiamos. Portanto, é difícil reduzir a ideia de vigilância apenas ao plano cognitivo individual, para tanto, o problema a ser tratado está na ajuda que deve ser dada aos indivíduos na hora de escolher suas fontes.

Os exemplos tratados

anteriormente ilustram apenas conteúdos verbais e ou textuais. Todavia, é importante sinalizar o problema da credulidade para com os conteúdos falsos divulgados através de diferentes materialidades. Os espectadores tendem a perceber os conteúdos imagéticos como mais verdadeiros uma vez que, construiu-se a falsa premissa de que é muito mais difícil produzir algo falso que contenha registro fotográfica ou videográfico. Todavia, percebemos que com o incremento das tecnologias de edição e tratamento de imagens, falsificar conteúdos visuais nunca foi tão simples.

As influências das fake news no comportamento político?

Poucos estudos foram empreendidos para tratar a pergunta. O primeiro aspecto diz respeito ao poder de modificação que as fake news possuem para com as opiniões e as orientações políticas. Mudar a atitude dos eleitores é uma tarefa extremamente difícil e as pesquisas demonstram que os efeitos das mensagens eletrônicas – sejam elas falsas ou verdadeiras – são extremamente limitados, assim, é necessário prudência na generalização com base em estudos laboratoriais que tratam assuntos sobre os quais os entrevistados não possuem conhecimento ou orientação anteriormente definidos. Os mesmos estudos, ainda podem supervalorizar os quantitativos de influência da exposi-

ção, ou seja, alterando muito os resultados.

Todavia, é possível que as fake news possuam um efeito profundo para com o objeto da política. Para isso, Lewandowsky (2017) sugere que a presença de informações falsas nas mídias deixa a opinião pública fragilizada no que diz respeito ao aspecto da confiança, desta forma, ele cita Hannah Arendt (1960) que afirma que um dos objetivos de um regime totalitário, é de criar um contexto no qual as mentiras são tão comuns que os indivíduos não se preocupam mais com a verdade. Uma sociedade na qual reina um relativismo absoluto – cada um acredita no que quiser –, até mesmo no que diz respeito a fatos verificáveis, é um grande perigo.

### Os desafios da tecnologia

Como aponta Steven Sloman, as tecnologias da informação e da comunicação criam três problemas no que diz respeito às notícias falsas:

(1) Todo mundo pode ser uma fonte de informação. Não apenas as pessoas de pouca confiança, sem nenhuma formação jornalística, mas também, pessoas que possuem um interesse objetivo na divulgação das informações falsas. É o caso dos robôs que divulgam informações com o objetivo único que obter “curtidas” ou visitas para um site.

(2) Ademais, com a proliferação cada vez maior de conteúdos fal-

sos, é cada vez mais difícil checar os mesmos, com isso o desejo de divulgação aumenta.

(3) Por fim, o número cada vez maior de diferentes mídias torna possível a escolha do conteúdo que está mais próximo das expectativas de cada indivíduo. Ou seja, há o incentivo estrutural para propor conteúdos que agridem uma certa audiência mesmo que a verdade seja alterada.

### Considerações finais

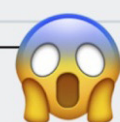
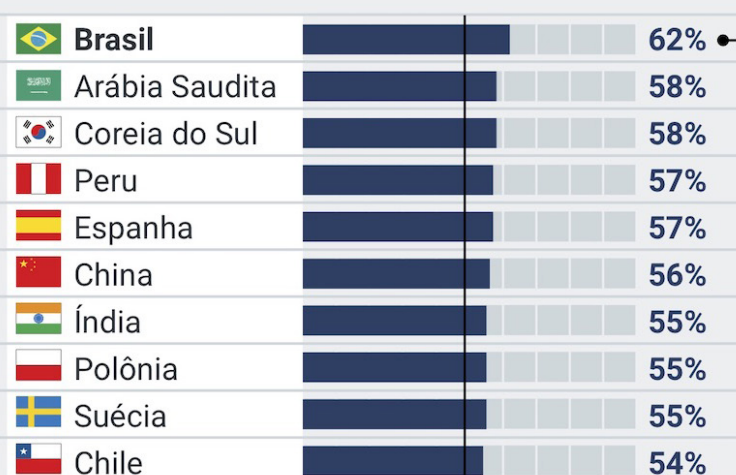
Está claro que as medidas que focalizam o indivíduo são insuficientes e precisam ser completadas com iniciativas institucionais. Para tanto, Lewandowsky

(2017) propõe a criação de mecanismos tecnológicos capazes de detectar automaticamente as informações falsas. Todavia, uma vez que o desenvolvimento de tal tecnologia ainda está longe de ser concretizado, portanto, o melhor seja promover e financiar uma educação midiática de qualidade que consiga suprir as novas necessidades interpretativas e possibilite a seleção de conteúdos verdadeiramente relevantes para a construção de opiniões, para que seja possível formar indivíduos capazes de raciocinar e trabalhar aspectos da confiança.

## ATENÇÃO!

### ENGANADOS PELAS FAKE NEWS

Porcentagem dos que já acreditaram em uma notícia falsa na internet até descobrir que não era verdade



**Brasil é líder mundial\*** em cair no conto do vigário da era digital

**média mundial: 48%**

\*Pesquisa com 27 países.

Fonte: "Fake News, Filter Bubbles, Post-Truth and Trust" – Instituto Ipsos

**De olho no lance**